

Carlos Henrique Carneiro

De Saragoza a Vila Rica de Ouro Preto: o culto a Nossa Senhora do Pilar

Monografia apresentada ao Instituto de Filosofia, Artes e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Cultura e Arte Barroca.

Orientador: Profa. Dra. Maria do Carmo Pires (DETUR/UFOP).

Ouro Preto
Outubro/2013

TERMO DE APROVAÇÃO

Carlos Henrique Carneiro

De Saragoza a Vila Rica de Ouro Preto: o culto a Nossa Senhora do Pilar

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Cultura e Arte Barroca no curso Especialização em Cultura e Arte Barroca do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP – aprovada pela banca examinadora com a nota _____.

Profa. Dra. Maria do Carmo Pires

Orientadora

Ouro Preto, _____ de _____ de 2013.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de modo especial à Gloriosa Rainha Nossa Senhora do Pilar, como agradecimento pelas muitas graças que Deus tem derramado sobre a minha vida nos momentos felizes, como nos momentos de cruces e sofrimentos.

Em segundo lugar, quero dedicá-lo ao Padre Luiz Carlos Cesar Ferreira Carneiro, pároco da Matriz Santuário de Nossa Senhora da Conceição de Ouro Preto, pelo apoio e carinho nos dois meses que passei hospedado em sua casa para a realização do curso de pós-graduação em cultura e arte barroca na UFOP.

Que este trabalho possa ajudar a todos aqueles que buscam conhecer mais de perto a devoção e o culto que a Igreja Católica presta a Santíssima Virgem Maria.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente, pelo dom da vida e pela inspiração de escrever este trabalho dedicado a Santíssima Virgem Maria.

De modo especial, agradeço à Professora Maria do Carmo, pela paciência e dedicação na orientação do mesmo, e também à Luciana que me encorajou e animou para que o fizesse.

EPÍGRAFE

“A devoção a Maria é fonte de vida cristã profunda, é fonte de compromisso com Deus. Permaneci na escola de Maria... e como outrora em Caná da Galileia, ela encaminha ao Filho as dificuldades dos homens”. Beato João Paulo II (APARECIDA, apud BOFF, 2006, p.206).

RESUMO

Este trabalho analisa o desenvolvimento do culto mariano desde os primórdios do cristianismo, com ênfase na devoção a Nossa Senhora do Pilar, que segundo antiquíssima lenda, apareceu ao apóstolo Tiago Maior, quando fora anunciar o evangelho nas terras da Espanha. Num primeiro instante busca aprofundar o estudo sobre como se deu a difusão da veneração a Maria nos primeiros séculos da história da Igreja, e posteriormente sua legitimação nos longos anos do período medieval, para assim compreender o desenvolvimento da devoção a Virgem do Pilar na Espanha, e sua implantação em Vila Rica no século XVIII.

Palavras-chave: Culto mariano, Virgindade Perpétua, Sociedade Ocidental, São Tiago maior, Nossa Senhora do Pilar, Vila Rica.

ABSTRACT

This paper analyzes the development of Holy Mary devotion since beginnings of Christianity with, emphasis on devotion to Our Lady of Pilar, which according ancient legend has appeared to the apostle James the greater, when he was announced the gospel in Spanish lands. In a first moment, this paper seeking further study on how the diffusion the veneration of Mary, in the first centuries of Church history, and subsequently its legitimacy in the long years of the medieval period; in order to understand the development of devotion to the Virgin Mary of Pilar in Spain, and their implantation in Vila Rica in the 18th century.

Keywords: Holy Mary Devotion, Perpetual Virginity, Western Society, Saint James Greater, Our Lady of Pilar, Vila Rica.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Maria amamentando o Menino Jesus. Imagem do século II, catacumba de Priscila, Roma.....	13
FIGURA 2 - A Batalha de Lepanto.....	22
FIGURA 3 - Madonna of the Magnificat c.1485.....	24
FIGURA 4 - Ouro Preto - MG - Lateral do Museu de Mineralogia, antiga Escola de Minas e Metalurgia e antigo Palácio do Governo de Minas Gerais.....	25
FIGURA 5 - Nicholas Poussin, A aparição da Virgem a são Tiago e seus oito companheiros, 1628-30.....	27
FIGURA 6 - Santuário de Nossa Senhora do Pilar de Zaragoza na Espanha.....	28
FIGURA 7 - Altar lateral da Igreja Abacial do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, dedicado a Nossa Senhora do Pilar.....	29
FIGURA 8 - Desenho do interior da Matriz do Pilar de Ouro Preto.....	32
FIGURA 9 - Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto MG.....	34
FIGURA 10 - Interior da Matriz do Pilar de Ouro Preto MG.....	35
FIGURA 11 - Imagem de Nossa Senhora do Pilar que se venera na atual Basílica a ela dedicada em Ouro Preto MG.....	40

SUMÁRIO

Introdução.....	09
Capítulo 1 A devoção a Virgem Maria nos primórdios do cristianismo.....	11
1.1 – O desenvolvimento do culto mariano nos primeiros séculos do cristianismo.....	11
1.2 – A defesa da virgindade perpétua de Maria.....	14
1.3 – As celebrações marianas.....	16
Capítulo 2 A influência de Maria na vida social da Europa Ocidental.....	18
2.1 – O papel caritativo de Maria na sociedade.....	19
2.2 – Maria é escolhida como protetora das cidades.....	20
2.3 – Maria e a legitimação das classes aristocráticas.....	21
Capítulo 3 A devoção a Nossa Senhora do Pilar: das origens até a implantação em Vila Rica de Ouro Preto.....	25
3.1 – A lendária aparição.....	25
3.2 – A irradiação do culto no Brasil colonial.....	28
3.3 – Nossa Senhora do Pilar padroeira de Vila Rica de Ouro Preto.....	29
Considerações Finais.....	35
Referências Bibliográficas.....	38
Apêndice.....	39

INTRODUÇÃO

A veneração prestada à Virgem Maria, por parte dos cristãos, remonta aos primeiros séculos da era cristã. A tradição escrita e oral desta época nos revela o quanto Maria foi venerada na Igreja primitiva. Um exemplo clássico é o da transmissão do relato da assunção, descrito por alguns livros apócrifos, e pelos primeiros padres da igreja dos primeiros séculos, como santo Ambrósio, santo Epifânio, Timóteo de Jerusalém entre outros.

Foram durante os primeiros séculos D.C que surgiram na Igreja os primeiros debates sobre a virgindade perpétua, e seu papel dentro da cristologia, onde se destaca alguns padres que a defenderam como santo Agostinho de Hipona marcando assim sua importância dentro da teologia e doutrina católica. Maria passa a ser vista como modelo para as virgens e as mães cristãs, como também as festas em sua memória se difundem muito rápido em todo mundo cristão, entre elas a da Assunção, da Natividade de Maria, entre outras.

Durante a Idade Média a figura de Maria ganha novos adjetivos, ele se torna a Mãe da Misericórdia que olha para os oprimidos e marginalizados, como também, patrona das cidades e posteriormente na baixa Idade Média sua figura se associa à da realeza (Maria Rainha do céu e da terra) que legitimará a aristocracia moderna.

No período moderno temos a difusão das diversas devoções e títulos que se difundiram de forma muito rápida, e a Virgem foi levada até os confins do planeta pelos missionários que partiam nas grandes navegações e marcaram os séculos XV e XVI. Uma delas é a devoção à Nossa Senhora do Pilar venerada na Espanha em Saragoza, que está fundamenta em uma antiquíssima lenda.

Esta “lenda” é um dos mais antigos relatos sobre de aparição da Mãe de Deus, que aparece a São Tiago Maior, quando este foi evangelizar as terras da Espanha. Segundo o relato, depois de o apóstolo ter convertido oito varões em Saragoza à margem do Ebro, tendo se retirado com eles a noite para orar, ouviram um coro angelical que cantavam Ave – Maria.

Pondo-se de joelhos, viu a Virgem Santíssima entre um coro de anjos, sentada num pilar de mármore. Chamando a si o santo apóstolo, a Mãe de Deus mostrou-lhe o lugar onde queria que fosse edificada a sua igreja e disse-lhe que conservasse aquela coluna e a colocasse no altar

do templo, pois aquele pilar permaneceria ali até o fim do mundo. (MEGALE, 1986, p. 302).

Nasceu assim a história do culto a Nossa Senhora do Pilar, sendo o mais antigo de todos, pois remonta ao período apostólico, quando Maria ainda vivia sob os cuidados de São João Evangelista. Segundo a lenda, após tal aparição, o santo com seus oito discípulos edificaram uma capela a Virgem, colocando a coluna no altar.

A devoção se espalhou pela Península Ibérica durante a Idade Média, e foi trazida para o Brasil nos tempos da colonização, quando ocorreu a união peninsular no fim do século XVI até metade do XVII.

As primeiras localidades brasileiras em que chegou tal devoção foram: o convento dos carmelitas na Bahia, no mosteiro de São Bento em São Sebastião do Rio de Janeiro, e no arraial de Vila Rica de Ouro Preto (em 1698 foi construída uma pequena ermida), entre outros.

No Brasil, o culto a Nossa Senhora do Pilar não foi muito difundido, mas ficou restrito nas cidades onde foram construídos templos no período da colonização, a ela consagrados. Em Ouro Preto e São João Del Rei, a Virgem do Pilar reina como padroeira, e os templos dedicados a ela nessas cidades, estão entre os mais suntuosos do período do barroco mineiro.

As aparições da Virgem Maria seguiram na história com o nome ou situação em que se deu a aparição. No caso de Nossa Senhora do Pilar, há pouco conhecimento sobre o fato que deu origem ao seu culto, e como foi propagado na Península Ibérica e no Brasil colônia, atingindo o coração devoto de pessoas simples como os bandeirantes que chegaram às minas.

CAPITULO I – A DEVOÇÃO À VIRGEM MARIA NOS PRIMORDIOS DO CRISTIANISMO.

1.1 – O desenvolvimento do culto mariano nos primeiros séculos do cristianismo.

Falar do culto a Maria nos primeiros séculos do cristianismo é sempre um desafio. Temos muita bibliografia, porém, os autores na maioria das vezes não chegam a um consenso de como se desenvolveu o culto à Mãe de Deus entre os cristãos.

Segundo Hoornaert (2013), o que provocou a expansão do cristianismo foi a religiosidade popular, ou seja, na forma de vivência cristã da plebe, do povo comum, o cristianismo foi se expandindo. Nas conversas de rua, no comércio, nas cozinhas dos senhores romanos, nos lugares da “gente comum”, e principalmente na rede associativa de socorro aos pobres e estrangeiros, o Evangelho de Jesus era anunciado e vivido.

Isso vem se confirmando com os achados e estudos arqueológicos, em lugares onde viveram os primeiros cristãos, como na Turquia e na Síria ocidental. Algo curioso que se revela nessas escavações é a forma como algumas divindades pagãs foram perdendo lugar para Jesus e Maria.

No caso feminino, a deusa egípcia Ísis, já no século III a.C, é a divindade feminina mais cultuada no oriente e é levada para o ocidente, onde toma novos nomes e características (Cibele, Demeter, etc). A assimilação do seu culto é tão forte que ela ganha “nada menos que 320 predicados e, aos poucos se torna a única rainha do céu”. (HOORNAERT, 2013). Ela é a imagem da mãe carinhosa, que protege seu filho, ou seja, é exemplo de maternidade, proteção e procriação, para as mulheres inseridas num mundo pagão. Com o avanço do cristianismo no mundo romano, essa divindade foi perdendo o lugar para Maria a mãe de Jesus Cristo. Escavações feitas em diversos sítios do universo romano revelam que, a partir do século II d.C, os templos a ela dedicados se transformam em Igrejas cristãs. Imagens de Ísis quebradas intencionalmente são encontradas, ela é colocada de lado, e agora quem será venerada é a Maria de Nazaré.

O mundo pagão encontra uma nova figura feminina para lhes ajudar nas suas necessidades diárias. Não a terão como “deusa”, mas sim como a terna mãe que

intercede ao seu Filho Jesus, Deus-conosco, pelas necessidades dos pobres e oprimidos do mundo greco-romano.

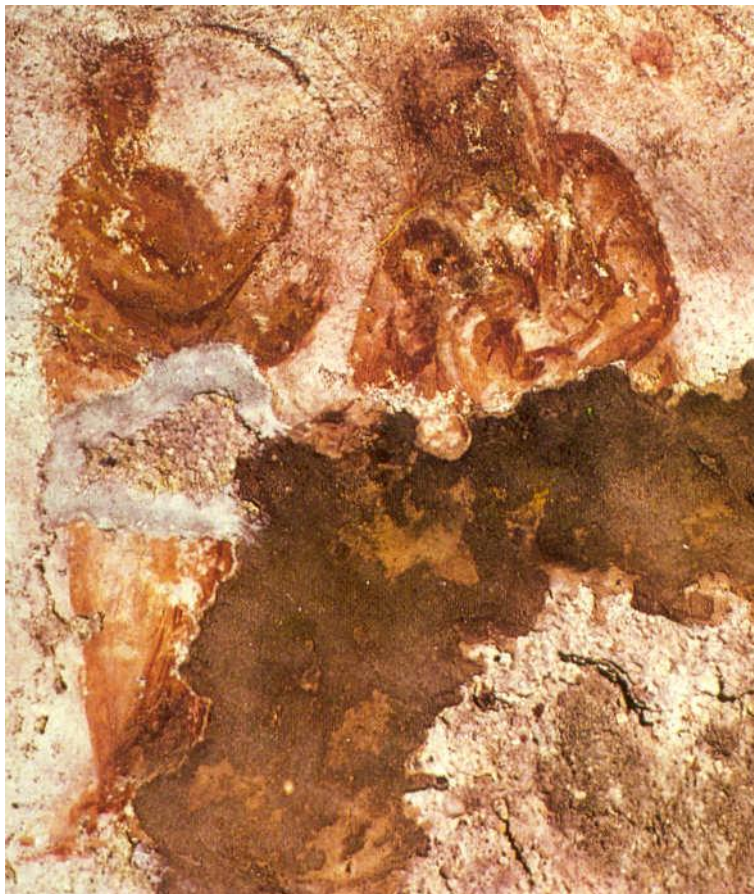


Figura 1 – Maria amamentando o Menino Jesus. Imagem do século II, catacumba de Priscila, Roma. Fonte: <http://pensamentosdedeu.blogspot.com.br/2011/05/catacumbas-romanas.html>. Acesso em: 18 de ago de 2013.

As figuras de Jesus Cristo e de Maria se mostram mais eficientes que Asclépio e Ísis, pelo fato de o movimento cristão se preocupar mais com as questões de desigualdade social, e buscar resgatar a dignidade da pessoa na sociedade desumana do Império Romano. O Deus dos Cristãos prefere os pobres e marginalizados.

Maria irá contar, desde o início, com o apoio de intelectuais cristãos letrados como Hipólito de Roma, Tertuliano, Justino, Felix I, Epifânio de Salamina, todos os padres da Igreja dos séculos III e IV, entre muitos outros. (SANT'ANNA, 2006).

Nos escritos do Magistério Eclesiástico dos primeiros 500 anos da Igreja nascente, encontra-se uma das primeiras verdades de fé mariana, a assunção de Maria ao céu de corpo e alma. Isso vai se difundindo através da liturgia, que era respaldada

pela religiosidade popular, “antes mesmo da teologia formular os argumentos para sustenta-la”. (AIELLO, apud SANT’ANNA, 2006, p.7).

Ao se observar a iconografia, a hinografia e a homilética dos primeiros séculos do cristianismo, vê-se como a fé na assunção de Maria foi se difundindo no “mundo cristão”, porém sem a confirmação do magistério, que acontecerá 1500 depois com o dogma da Assunção proclamado por Pio XII em 1950.

Bem antes da fundamentação teológica, a Festa da Assunção já era celebrada em Jerusalém desde o século V.

Uma antiga festa celebrada em Jerusalém desde o século V em honra da Mãe de Deus, provavelmente fazia memória da consagração de uma Igreja em sua honra. Essa celebração, no século seguinte, estendeu-se por todo o Oriente com o nome de *a Dormição de Santa Maria* e celebra sua dormição e assunção ao céu, segundo os textos apócrifos do *Transitus* da Virgem. No ocidente, foi recebida no tempo do papa Sérgio (século VII), com uma feliz formulação inspirada em um texto bizantino; na prece *Veneranda nobis* afirma-se que Maria “sofreu a morte temporal, mas não podia ser retida pelos laços da morte. (CELAM, 2007, p.67)

A difusão desta festa no Oriente contou com a contribuição de vários homiletas entre eles: Severino de Gábala, Cirilo de Alexandria, Esíquio de Jerusalém e Crispino de Jerusalém, padres do século V.

Um fato de extrema importância na história da difusão da devoção mariana deste período foi o concílio de Éfeso realizado em 431. A principal questão tratada neste concílio foi o problema nestoriano, que negava as duas naturezas de Cristo, divina e humana. Ainda que a questão fosse de cunho cristológico, acabou voltando-se para a figura de Maria, especificamente na sua participação no mistério da encarnação. Com a condenação de Nestório, ela recebe o título de Theotókos (aquela que pariu alguém que é Deus), ou seja, teologicamente falando, ela é a Virgem genitora do Verbo encarnado, Jesus Cristo, Filho do Deus vivo.

Alguns anos depois de Éfeso, essas reflexões foram retomadas no primeiro Concílio de Calcedônia realizado em 451, onde se deu a definição da maternidade divina, exaltando o papel da mãe do Redentor no plano da salvação, e impulsionando assim a teologia mariana. (FORTE, 1991).

1.2 - A defesa da Virgindade Perpétua de Maria.

Outro tema muito estudado e discutido pelos padres dos primeiros séculos foi o da virgindade perpétua de Maria. Segundo Di Bernardino (2002), os seus principais defensores foram, no Oriente, os Capadócijs e Epifâneo; no Ocidente, Ambrósio, Jerônimo e Agostinho.

Dentre os capadócijs, Gregório de Nissa foi o primeiro a indicar Lc 1,34 “[...] Como é que vai ser isso, se não conheço homem algum?[...]” (BIBLIA DE JERUSALÉM, 2010, p. 1787) como expressão de um voto de castidade de Maria, seguindo-o Agostinho. Nas homilias de natal São Basílio, outro padre do Oriente, exortava que “aqueles que adoram a Cristo não podem admitir que a Mãe de Deus tivesse perdido a virgindade” (DI BERNARDINO, 2002, p.886).

Para o autor, a virgindade de Maria era um modelo significativo de consagração da criatura ao seu Criador. Ligado “desde o início ao núcleo central da fé cristológica e ao seu significado salvífico” (p.886) começou cedo a ser compreendido como fonte de espiritualidade e moral cristã.

Segundo Forte (1991, p.110) a virgindade “antes do parto”, isto é, na concepção miraculosa de Jesus por obra do Espírito Santo, foi cada vez mais unida – de um lado, por via da dedução dogmática; do outro, sob o estímulo da procura de um modelo ético – à “virgem no parto” e “depois do parto”.

A fé na virgindade no parto, desde a sua origem, teve o intento de exprimir o caráter sobrenatural do evento da encarnação, e evidenciar nele a presença da luz e do poder pascal.

Neste sentido, o “nascimento virginal” está em relação direta com a concepção virginal e com a maternidade divina: ao modo miraculoso do parto; o que foi uma páscoa antecipada no seio da Virgem o foi não menos no parto da Mãe. (FORTE, 1991, p. 110).

Um fator que levou ao aprofundamento do tema da virgindade de Maria foi que os cristãos viam nela um “exemplo luminoso e irradiante de uma existência totalmente oferecida a Deus” (FORTE, 1991, p. 111), ou seja, a sua entrega total e absoluta à vontade do Pai.

Ela se torna guia na vida dos monges e das virgens consagradas, como também na de todos os cristãos desejosos de exprimir a graça que receberam no batismo e que

buscavam vivê-la de forma radical. Nela eles avistam um porto seguro a ser buscado nas horas escuras da vida, e seus exemplos tocam e fortalecem aqueles que buscam sua intercessão.

Um dos padres do ocidente que levou adiante o desenvolvimento da fé em Maria foi Santo Agostinho. Ele afirma:

Para Maria, ter sido discípula de Cristo foi mais do que ser mãe dele... Por isso também Maria é bem aventurada, porque ouviu a palavra de Deus e a guardou; guardou mais na mente a Verdade do que no seio a carne. Cristo é verdade, Cristo é carne: Cristo Verdade na mente de Maria, Cristo carne do seio de Maria. Vale mais o que se carrega na mente do que o que se carrega no ventre (AGOSTINHO, apud FORTE, 1991, p. 112).

Isso demonstra que a virgindade de Maria é um exemplo, pelo fato de exprimir a sua incondicional doação a Deus mediante a fé, e não pela consequência meramente do aspecto físico carnal, pois “o parentesco materno não teria ajudado em nada a Maria, se ela não tivesse carregado Cristo de modo mais bem-aventurado no coração do que na carne” (AGOSTINHO, apud Forte, 1991, p.112).

Por fim ele a declara:

Virgem na concepção, virgem no parto, virgem grávida, virgem perpétua. Permanecerá a tua virgindade; tu crês somente na Verdade, conservas a virgindade, recebes a integridade. Como a tua fé é íntegra, será intata também a tua integridade. (AGOSTINHO, apud FORTE, 1991, p. 113).

Com o II Concílio de Constantinopla em 553, a perpétua virgindade de Maria foi confirmada com a formulação:

Quem não confessa que são dois os nascimentos do Deus Verbo, o de dantes os séculos, do Pai, fora do tempo e da corporeidade, e o dos últimos dias dele, que desceu do céu e tomou carne da santa e gloriosa Mãe de Deus e sempre Virgem Maria [...] e nasceu dela, seja anátema (SÖLL, apud FORTE, 1991, p. 113).

Este texto mostra a força e a densidade da fé na virgindade de Maria, porém devemos levar em consideração que, tanto o clero quanto o povo da época patrística, não tinham dúvidas de que as decisões conciliares de Éfeso, Calcedônia e Constantinopla II, foram uma afirmação dogmática do que já era reconhecido bem antes.

É importante lembrar uma coisa, que a fé não é inventada pelo dogma, mas definida, “circunscrita em fórmulas ‘breves e longas’, as quais não têm a função de exaurir o tesouro das escrituras, mas a de impedir que ele seja redutivamente interpretado” (FORTE, 1991, p.114). Com isso compreendemos que o dogma mariano foi formulado para “o serviço da Palavra de Deus e em obediência a ela”, na forma de glorificação e testemunho, “impulsionados pelo desejo pastoral de anunciar a verdade que salva”. (FORTE, 1991, p. 114).

A figura ética de Maria foi cada vez mais sendo celebrada e defendida, realçando a sua fé e entrega total dentro do plano divino da salvação, como também as suas virtudes.

Os termos, “Imaculada”, “santa” e “toda santa”, empregados à Maria, foram cada vez mais sendo utilizados, favorecendo assim a convicção de que Maria foi isenta do pecado original. Unido a este fator, está também a prática dos pedidos de intercessão de Maria, que produziu um crescente culto mariano em todo o universo cristão.

A discussão teológica deste tema percorreu os séculos. No Oriente nunca se chegou a um consenso, porém valorizaram a Assunção e a mediação celeste de Maria, celebrando-a como Rainha. Já o Ocidente procurou cada vez mais aprofundar teologicamente o tema, concebida sem pecado original, perpassando quase um milênio, até chegar à proclamação do dogma da Imaculada Conceição, feito por Pio IX em 1854.

Assim o culto a Virgem Maria foi se expandindo e atravessando fronteiras, chegando até os confins do oriente e do ocidente, e posteriormente atravessando mares e continentes como veremos mais adiante. (DI BERNARDINO, 2002).

1.3 – As celebrações marianas.

Um fator importante para o avanço e desenvolvimento da devoção mariana foram as festas e solenidades celebradas em sua memória. Como fundamento, os primeiros padres da Igreja, utilizavam as informações referentes à pessoa de Maria

contida nos Evangelhos, nos Atos dos Apóstolos, nas cartas paulinas e nos escritos apócrifos dos séculos II e III.

No entanto, nem todas as festas de Maria que a Igreja Católica celebra tem uma origem muito clara, algumas como vimos acima se fundamentam na Bíblia, e outras nas tradições que muitas vezes acabaram se perdendo.

Entre as que nós encontramos nos Evangelhos, estão as solenidades da Anunciação (Mt 1-2) e da Divina Maternidade (Lc, 1-2), que até hoje são celebradas na Igreja, a primeira no dia 25 de março, e a segunda no dia 01 de janeiro. Outras, porém, perderam o ponto de referência como as solenidades da Imaculada Conceição e da Assunção, que são frutos da tradição e da interpretação da fé feita pelos cristãos dos primeiros séculos.

A festa da Imaculada Conceição (08 de dezembro), que celebra Maria como isenta do pecado original, no seio de sua mãe Ana, aparece já entre os séculos VII e VIII d.C na Igreja do Oriente (Bizantina), e no Ocidente no século IX d.C, especificamente nos territórios ocupados pelos cristãos bizantinos. Outra festa mais antiga ainda é a da Assunção de Maria ao céu, como já vimos no início deste capítulo, que remonta ao século VI, e era celebrada tanto no Ocidente com o nome de Assunção, como no Oriente com o nome de Dormição.

Di Bernardino (2006, p. 888) apresenta outras festas celebradas pela Igreja primitiva, porém com menor destaque. Entre elas está a Natividade de Maria celebrada em 08 de setembro que remonta ao século V d.C, quando se comemora o nascimento de Maria; a Visitação de Maria a sua prima Isabel celebrada em 31 de março, com pano de fundo o fato apresentado pelo evangelista Lucas (Lc 1, 39-46), e que remonta ao século XI d.C; a Apresentação do Senhor no templo celebrada em 2 de fevereiro desde o século IV d.C no Oriente, e desde o VII d.C no Ocidente, como comemoração conjunta de Jesus e Maria, quando Jesus é apresentado no templo para ser circuncidado e Maria cumpre o preceito da Lei de Moisés que dizia que toda mulher deveria se apresentar no templo com o seu filho recém nascido depois de oito dias do parto; entre outras.

As celebrações em honra a Maria tiveram uma força propulsora de difusão do seu culto em toda a Igreja. Como podemos ver algumas delas se originaram nos primeiros séculos do cristianismo, ou seja, Maria sempre esteve presente na vida da Igreja, e nela o povo cristão sempre buscou e buscará refúgio e alento por meio da sua intercessão junto a seu Filho.

CAPÍTULO II – A INFLUÊNCIA DE MARIA NA VIDA SOCIAL DA EUROPA OCIDENTAL.

2.1. – O Papel caritativo de Maria na sociedade.

De uma forma bem modesta, Maria esteve sempre presente na ação caritativa da Igreja tanto na sociedade Oriental como na Ocidental. Desde os primórdios do cristianismo o laço entre Maria e os pobres e miseráveis eram bem estreitos, como acentua São João Damasceno no século VIII d.C:

Prestemos-lhe (a Maria) um culto através da misericórdia e da solidariedade para com os necessitados. Se não se presta honra a Deus senão com a misericórdia, quem haverá de se opor se sua Mãe é honrada do mesmo modo? (apud BOFF, 2006, p. 154).

Segundo Boff (2006, p.154), desde os séculos IV ou V, já havia asilos e hospitais postos sob o patrocínio da Virgem Maria, como o de Jerusalém que foi construído para abrigar as mulheres pobres que não tinham onde ficar. Também em Jerusalém, segundo o autor, em meados do século IV, Justiniano levantou uma Igreja sob o título de Nossa Senhora a Nova, “e ao lado, um hospital, o maior da antiguidade”.

No ocidente, especificamente em Roma, várias “diaconias” (estabelecimentos construídos ao lado das igrejas) eram dedicadas a Nossa Senhora, e serviram de ajuda caritativa aos mais necessitados por mais de mil anos, do fim do século VII até o século XVI.

Essa forma de devoção a Maria ligada à ação caritativa perpassou os séculos e, segundo testemunhos, por volta do ano 1000 ainda continha uma força muito significativa na sociedade europeia.

Boff (2006, p.156) cita o testemunho da condessa Berta, viúva do conde Hugo II de Maine, “a qual, em 1060, abre em Chartres, em honra da Santa Virgem, uma obra de assistência aos pobres”.

Posteriormente, no século XIII, a Europa assiste ao surgimento das Ordens Mendicantes, como os franciscanos, carmelitas descalços, mercedários, dominicanos,

entre outros. Essas ordens tinham por regra viver uma vida de pobreza e assistência aos pobres e marginalizados, e escolheram por principal patrona a Virgem Maria.

Deve-se a elas a difusão de muitas devoções marianas que chegaram até nossos dias, como por exemplo: a devoção do rosário e do terço difundida pelos dominicanos e franciscanos, que veneravam Maria sob o título de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora dos Anjos; a devoção do escapulário difundida pelos carmelitas, que segundo consta São Simão Stok, fundador da ordem, o teria recebido numa visão das mãos da Virgem Maria; a devoção a Nossa Senhora das Mercês, difundida por São Pedro Nolasco, fundador dos mercedários, que tinham como carisma resgatar os prisioneiros em terras pagãs. (BOFF, 2006, p.156).

Outro campo onde as devoções marianas foram bem difundidas são nas confrarias medievais, que surgiram com o intento de reagir à centralização clerical e a massificação social, sendo a sua principal missão honrar e prestar culto à bem-aventurada Virgem Maria Mãe de Deus.

Segundo Boff (2006, p.156), estas confrarias eram o que se chamou mais tarde de “congregações marianas”, “que a partir da devoção a Nossa Senhora, assumiam também alguma obra caritativa”. Esse tipo de associação imigrou para o Brasil colônia, já denominadas como irmandades e ordens terceiras, que associavam junto ao culto a Santíssima Virgem, também alguma obra caritativa, como por exemplo, a Irmandade da Misericórdia, que tinha como patrona Nossa Senhora da Misericórdia, e sua principal ação “pastoral” era a construção de Santas Casas de Misericórdias, para socorro dos doentes e enjeitados, sendo elas os primeiros hospitais que surgiram no Brasil como também em todas as colônias portuguesas.

2.2 – Maria é escolhida como protetora das cidades.

Segundo Boff (2006, p. 289), o principal papel social de Maria na história dos povos é de proteger e cuidar dos cristãos. Essa função “protetiva” tem um caráter profundamente ligado à maternidade, pois a mãe é a que guarda a vida de seus filhos dos perigos.

Desde os primeiros séculos do cristianismo, a Virgem de Nazaré foi tida como herdeira das mulheres libertadoras do Antigo Testamento, como Débora, Judite e Ester.

Ela assume o papel de guerreira que defende os seus filhos dos males e intempéries que se apresentam em suas vidas. Na história, isso fica claro quando nos deparamos com seus títulos mais frequentes, como por exemplo, protetora, patrona, defesa, escudo, fortaleza, saúde dos cristãos, consoladora, etc.

Sua proteção é buscada sempre diante de circunstâncias ligadas a graves crises sociais, como pestes, guerras, inundações, terremotos, etc, ou seja, em situações de extremo perigo, quando os filhos correm para o regaço protetor da mãe.

Na alta Idade Média, Maria cumpriu essa função social e se tornou a principal patrona das cidades recém-fundadas, como também o símbolo da identidade de cada cidade. Unida em torno da nova classe dominante, ou seja, a burguesia, a sua imagem foi impressa sobre os selos, as moedas, e as bandeiras, e seu nome apareceu nos decretos emitidos “em nome de Deus e da Bem-Aventurada Virgem Maria”. (SCHREINER, apud BOFF, 2006, p. 165).

Com isso, muitas cidades europeias seguiram o exemplo da capital do Império Bizantino que ficou conhecida como a polis da Theotókos (cidade da Mãe de Deus), e tornaram-se grandes centros de difusão do culto mariano, e sedes de santuários e basílicas construídos em honra e agradecimento pela sua proteção e auxílio.

Um dos títulos muito difundido na Europa ocidental durante a baixa Idade Média e início da Moderna foi o de Nossa Senhora das Vitórias, dado a Maria pelo papa Pio V, em 07 de outubro de 1571, por ocasião da vitória naval de Lepanto.

Durante o século XVI, o Império Otomano ameaçava toda a Europa Ocidental com sua expansão. Com isso o papa Pio V conseguiu que Espanha, Veneza e Malta se unissem numa aliança, denominada por ele de “Santa Liga”, reuniram-se numa grande frota sob o comando de Dom João da Áustria, irmão de Felipe II da Espanha. O papa, com o intuito de implorar a proteção da Mãe de Deus, publicou um jubileu e ordenou a todos os cristãos o exercício do jejum e a oração pública do Rosário. O resultado se deu em 07 de outubro de 1571, quando a frota da Santa Liga derrotou a frota turca no Golfo de Lepanto à saída do estreito de Corinto.

Após a vitória da frota cristã sobre a turca, o papa Pio V acrescentou na ladainha de Nossa Senhora, uma nova invocação a de “Socorro dos Cristãos”, e fez celebrar a festa de Nossa Senhora das Vitórias sob o nome de festa do Rosário, no primeiro domingo do mês de outubro em todas as igrejas. (MEGALE, 1986, p.337).



Figura 2 – Batalha de Lepanto. Fonte: <http://coracaosacerdotal.wordpress.com/2010/10/07/a-batalha-de-lepanto-nossa-senhora-do-rosario/>. Acesso em: 10 de set de 2013.

Esse fato fez com que a devoção ao santo rosário se alastrasse por toda a cristandade, chegando até as colônias mais longínquas, como Brasil, China, Índia entre outras, e nos mostra como a função protetiva de Maria era de extrema importância na consciência de todos os cristãos, começando por seus líderes.

2.3 – Maria e a legitimação das classes aristocráticas.

Com a ascensão das classes aristocráticas, ocorreu outra transformação cultural no papel de Maria na sociedade, ela passou de Serva para Rainha. Tal transformação encontra na própria Sagrada Escritura, para ser mais preciso, nos evangelhos os fundamentos teológicos que a legitimam.

Nos evangelhos, Maria é a mãe de Jesus o Rei – Messias, ou seja, ela é a “Rainha Mãe”, de Deus feito homem, porém essa realeza é de cunho espiritual, mas que será levada a cabo pela sociedade da alta Idade Média. (BOFF, 2006, p.161).

É nesse período, como afirma Boff (2006, p.162), que toma corpo uma verdadeira “mariologia política”, que dá a Maria os títulos de Rainha, Senhora e

Imperatriz, como forma de legitimação das novas dinastias que estavam despontando em todo ocidente da alta idade media.

Prova dessa inculturação, são as representações artísticas da época, que retratavam Maria como uma dama da corte, ou como uma Rainha sentada num trono, tendo em seu colo o Filho, e ambos trazendo a coroa real. Uma representação típica é a dos Reis Magos que levam presentes a Jesus recém-nascido, como sendo “os reis de toda a Terra que prestam homenagem ao Rei do Mundo, que se apresenta, sentado no regaço da Rainha-Mãe”. (BOFF, 2006, p.164)

A figura da Senhora Rainha, influenciou e inspirou também a cavalaria cristã, que passou a invocá-la no juramento de fidelidade: “O senhor feudal batia, com a espada, por três vezes sobre o ombro do novo cavaleiro, pronunciando a formula: Em nome de Deus, de São Miguel e de Nossa Senhora, te faço cavaleiro”. (ENCICLOPEDIA CATTOLICA, apud BOFF, 2006, p. 162). Tais cavaleiros viam Maria como a “Dama Celeste”, e muitos até estabeleciam com ela um “matrimônio espiritual”. (BOFF, 2006, p.162).

Disso tudo, resultou o surgimento de uma mariologia voltada para a glorificação de Maria, o que dará fundamento à sua soberania e sua “eleição” como Rainha e Senhora de toda a cristandade. Assim vai se perdendo aquela visão de Maria como a serva do Senhor, como a pobre de Nazaré, pois era inconcebível para a aristocracia medieval esse tipo de mariologia, que ia contra os seus “princípios” e não se encaixava numa vida cheia de bens e riquezas.

Ilustra-o, a história contada por São Pedro Damiano a respeito da condessa de Guilla, mãe do marquês Hugo da Toscana, a qual, passando por uma Igreja de campanha denominada “Santa Maria, a Pobre”, encheu-se de indignação pela suposta baixeza desse nome e disse: ‘Não, não há de se chamar pobre Aquela que deu à luz o generoso doador da glória celeste. Não. Sobre a terra não merece o nome de pobre Aquela que, elevada sobre os anjos, possui no céu riquezas imortais’. Doou então àquela Igreja, em propriedade, a região circundante, ordenando: ‘E que ninguém jamais ouse chamá-la de pobre’. (LECLERCQ, apud BOFF, 2006, p. 163).

É fato que a devoção a Nossa Senhora como Rainha, fundamentava e legitimava o poder político emergente na alta Idade Média; porém, em contrapartida essa devoção causava um efeito contrário sobre o poder régio, no que diz respeito ao barbarismo e

excessos de crueldade e maldade, que muitos deles cometiam. A devoção a Senhora Rainha trazia consigo, de certa forma, uma moralização ao poder político, por mais fraca que fosse naquela época a sua exemplaridade.

Por outro lado, o povo pobre e humilde via na “Senhora Rainha” uma força de irradiação espiritual, pois para eles ela era a Mãe da Misericórdia que exercia junto de seu Filho a função de intercessora do pecador e de defensora dos fracos e oprimidos. (BOFF, 2006).

Nos séculos posteriores (XIV - XV), com o surgimento do Renascimento, ocorreu uma degradação da imagem ideológica da nobreza de Maria, e ela passou a ser representada como uma cortesã, pintada a partir de modelos estéticos da época, ou seja, como uma amante da corte. Assim os chamados “artistas da corte” a reproduziram, entre eles Rafael, Botticelli e Parmigianino, por volta do século XVI.



Figura 3 - Madonna of the Magnificat c.1485; Tempera on Panel, diameter 118 cm, in the Galleria degli Uffizi in Florence. Fonte: <http://www.ibiblio.org/wm/paint/auth/botticelli/>. Acesso em: 15 set 2013.

Essa ligação de Maria Rainha com a aristocracia, é vista também na vida social e administrativa do Brasil colônia. Um testemunho interessante que confirma isso é a capelinha construída no palácio do governador em Ouro Preto, que é dedicada a Nossa Senhora a Divina Princesa, um título que expressa a nobreza e soberania de Maria, onde se dizia missa para os governadores e que foi visitada pelos imperadores do Brasil durante o império. (A ESCOLA DE MINAS. 26 set 2013).



Figura 4 - Ouro Preto - MG - Lateral do Museu de Mineralogia, antiga Escola de Minas e Metalurgia e antigo Palácio do Governo de Minas Gerais. Fonte: http://bicodepena-jfagundesj.blogspot.com.br/2011_12_01_archive.html. Acesso em: 14 ago 2013.

CAPÍTULO III – A DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA DO PILAR: DAS ORIGENS ATÉ A IMPLANTAÇÃO EM VILA RICA DE OURO PRETO.

3.1 – A lendária aparição.

As origens da devoção a Nossa Senhora do Pilar remonta ao primeiro século do cristianismo, e está fundamentada em uma lendária aparição da Virgem Maria ao Apóstolo Tiago “Maior”, que fora pregar o evangelho nas províncias da Espanha.

Segundo Aducci (1960), com a recusa dos judeus à mensagem do evangelho pregado pelos apóstolos, esses se voltaram para os pagãos e partiram para as terras mais longínquas com intuito de anunciarem a Boa Nova de Jesus Cristo. O Apóstolo Tiago Maior partiu para as províncias da Espanha e, segundo uma antiga tradição, ele foi antes pedir a bênção de Maria Santíssima, como havia feito os demais apóstolos, pois ela é que os consolava e aconselhava diante das perseguições e desalentos que surgiam no caminho. Assim a Virgem, abençoando São Tiago, lhe disse:

Vai meu filho, cumpre a ordem de teu mestre, e por ele te rogo que, naquela cidade da Espanha em que maior número de almas converteres à fé, edifiques uma igreja em minha memória, conforme o que eu te manifestar. (MARIA apud ADUCCI, 1960, p. 38).

Tendo escutado essas palavras, diz a lendária história que São Tiago partiu para a Espanha chegando a Saragoza, às margens do rio Ebro, onde pregou o evangelho por muitos dias, e oito varões se converteram. Toda a noite, os recém-convertidos se reuniam em torno do apóstolo para rezarem, até que certa noite, enquanto rezavam “ouviram umas vozes angélicas que cantavam: Ave Maria, gratia plena!”. (ADUCCI, 1960, p. 38). Logo que perceberam ser uma visão se colocaram de joelhos e viram a Santíssima Virgem entre um coro de anjos, sentada num pilar de mármore. Maria chamou o apóstolo e lhe disse:

Eis aqui, meu filho, o lugar assinalado e destinado à minha honra, no qual, por teu cuidado, e em minha memória, quero que seja edificada uma igreja; conserva este pilar onde estou sentada, porque meu Filho e teu Mestre enviou-o do céu pela mão dos anjos; junto a ele assentaras o altar da capela,

e nele obrará a virtude do Altíssimo os portentos e maravilhas de minha intercessão, para com aqueles que, em suas necessidades, implorarem o meu patrocínio; e este pilar permanecerá aqui até o fim do mundo, e nunca faltarão nesta cidade verdadeiros cristãos que honrem o nome de Jesus Cristo meu Filho. (MARIA apud ADUCCI, 1960, p. 38).

Na aparição os anjos traziam consigo uma imagem da mesma senhora que eles mesmos haviam fabricado “a que servia de peanha uma coluna de jaspé”. Por ordem da Virgem esta imagem deveria ser colocada na nova Igreja, “porque nele obraria Deus muitas maravilhas e se fariam patentes os tesouros da sua Divina Misericórdia”. (LIMA JUNIOR, 2008, p. 51).



Figura 5 – Nicholas Poussin, A aparição da Virgem a são Tiago e seus oito companheiros, 1628-30, Louvre, Paris. Fonte: mode=view&album=92029&pic=92029Q.JPG&dispsize=Original&start=0. Acesso em: 20 ago 2013.

A história termina com são Tiago louvando a Deus pelo milagre ocorrido, e logo começa a construção da Igreja que será dedicada a Virgem Maria, e onde com a ajuda

dos novos convertidos, colocam a imagem da Virgem sobre o pilar na parte superior do altar voltado para o Ebro. (ADUCCI, 1960).

Eis então o porquê do título de Nossa Senhora do Pilar, que se difundiu de forma extraordinária por toda a Espanha, e se tornou a padroeira da nação. Porém não foi muito popular em Portugal, pelo fato deles estarem sempre em luta com o reino de Castela, que a invocava como protetora.

Segundo Lima Junior (2008, p. 52), tal devoção se fez presente somente numa região de Portugal, ao norte, na aldeia de São João de rei – Vila Minho, Comarca e Conselho de Póvoa de Lanhoso. Aí apareceu uma imagem de pedra, datada do século XII, da Virgem Maria sobre um pilar, cópia fiel da que está no Santuário de Saragoza, e foi colocada em uma arcaica igreja de estilo românico.



Figura 6 – Santuário de Nossa Senhora do Pilar de Zaragoza na Espanha. Fonte: <http://p2.trrsf.com.br/image/fget/cf/619/464/img.terra.com.br/i/2012/04/04/2288362-4810-rec.jpg>. Acesso em 20 ago 2013.

3.2 – A irradiação do culto no Brasil colonial.

Durante o século XVII, o culto à Virgem do Pilar atingiu as terras brasileiras, tendo como primeiro lugar de veneração o convento de Santa Teresa da Bahia, onde foi entronizada sua imagem no ano de 1690.

Segundo Lima Junior (2008, p.52), mesmo depois da Restauração (que marca o fim da União Ibérica de Portugal e Espanha com a ascensão da dinastia dos Bragança ao trono português) o culto à Virgem do Pilar ganhou “grandes proporções”, entrando, num primeiro momento na Bahia, mas depois se espalhando por outras capitanias. A partir daí se expande, principalmente para o sudeste, sendo que no Rio de Janeiro, já no século XVII, a Virgem do Pilar ganhou um altar no Mosteiro de São Bento, onde curiosamente a padroeira da Igreja Abacial é Nossa Senhora do Monte Serrat, devoção exclusivamente espanhola.

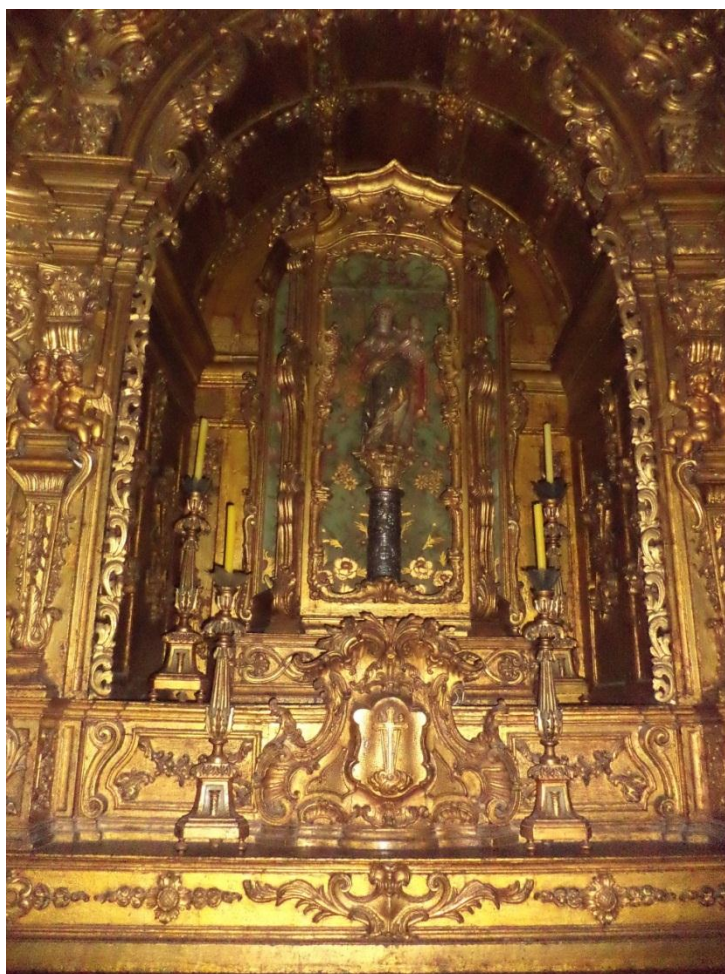


Figura 7 – Altar lateral da Igreja Abacial do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, dedicado a Nossa Senhora do Pilar. Foto tirada em 22 de jul de 2013.

3.3 – Nossa Senhora do Pilar padroeira de Vila Rica de Ouro Preto.

Nas Minas Gerais, como indica Lima Junior, esta devoção chegou por meio da bandeira vinda de São Paulo, comandada por Bartolomeu Bueno que trazia consigo uma imagem da Senhora do Pilar, cujas características são da imaginária castelhana do século XVII.

Já em 1696, dá-se a construção de uma “pequena ermida na encosta de um serrote no arraial que se formou próximo do córrego, onde se encontrara o primeiro ouro por Duarte Lopes”. A primeira capela tinha seu frontispício voltado para o Oriente, e era feita de taipa, porém ela ficou pequena, pois em 1710 com o crescimento populacional exigiu-se a construção de um templo maior para acomodação dos fiéis que iam venerar a Santíssima Virgem, ouvir a santa missa, e fazer suas práticas devocionais características da época, como novenas, rosário, ofícios entre outros. A nova igreja foi logo levantada, “conforme um depoimento contemporâneo de frei Miguel de São Francisco, com excelentes e incorruptíveis madeiras de que muito abundam aquelas matas” (LIMA JUNIOR, 2008, p.54).

Frei Agostinho de Santa Maria, escrevendo em 1723, diz que nesse ano se entronizou a nova imagem que atualmente se encontra na Matriz de Ouro Preto. Ele a descreve com absoluta precisão: “É esta sagrada imagem de escultura de madeira incorruptível e se vê com o Santíssimo Filho, doce fruto do seu puríssimo ventre sobre o braço esquerdo e ambas as imagens estão coroadas de ouro. Está a Senhora, colocada sobre o seu pilar no meio do altar mor como Senhora Padroeira daquela Casa. A sua estrutura são três palmos e o pilar tem os mesmos; este é fingido de pedra e a Senhora estofada de ouro. O ano em que se solenizou esta colocação daquela soberana Senhora foi o de 1710, em dia de sua gloriosa Assunção, quinze de agosto e neste dia esteve a igreja muito ricamente ornada. (L. JÚNIOR, 2008, p.54-55).

Por volta do ano de 1720, os moradores do arraial de Ouro Preto estavam insatisfeitos com o tamanho de sua Matriz, que já não comportava mais a população que dia a dia aumentava, “e achava-se em completo desacordo com o seu fervor e o seu zelo”, e não podiam aceitar que enquanto suntuosas casas eram construídas para abrigar os humanos, o divino ficava em uma choupana. (MENESES, 1976, p. 36).

Para a realização do projeto de construção da nova Matriz, a irmandade do Santíssimo Sacramento tomou a frente, seguida das outras cinco irmandades já eretas canonicamente no primitivo templo, que contratou João Fernandes de Oliveira para a realização das obras. Com a demolição da antiga capela e a reconstrução da capela mor, de 1731 até 1733 a capela de Nossa Senhora do Rosário, serviu de Matriz provisória, e para lá trasladaram o Santíssimo Sacramento. (MENESES, 1976).

Conforme nos relata Lima Júnior (2008, p.55), os mesários da irmandade do Santíssimo resolveram mudar a disposição da nova matriz, por uma necessidade climática, ou seja, pela decorrência de fortes ventos vindos do Itacolomi que apagavam as velas dos altares, fazendo mal à saúde dos fiéis que assistiam às missas.

A capela-mor foi inaugurada em 24 de maio de 1733, com suntuosos festejos, quando se deu o traslado do Santíssimo Sacramento da capela de Nossa Senhora do Rosário dos pretos para a Matriz de Nossa Senhora do Pilar, porém a conclusão das obras aconteceu muitos anos depois. (MENEZES, 1976).

Mourão nos dá detalhes do interior da suntuosa Matriz:

A Matriz de Nossa Senhora do Pilar de ouro Preto é uma construção solidíssima, de paredes muito grossas, tendo a parte central do frontispício saliente. O embasamento e as colunas são de cantaria, bem como a guarnição da imponente portada. (...) As torres são quadrangulares, terminadas em cúpula... Na fachada existem quatro sacadas e um óculo sobre a portada. (...) tem o seu altar-mor em dossel, com muitas esculturas e talha complicada. Superiormente ao altar-mor há uma representação em alto relevo da Santíssima Trindade. Guarnece o arco do trono aparece uma particularidade comum na cidade de Mariana e mais rara em Ouro Preto: consolos em lugar de colunas. Mais além (...) depois dos nichos, colunas torsas sustentam a arquitrave superior. Na capela-mor, aparecem também as colunas gradeadas. Os púlpitos são providos de esculturas. Os altares colaterais são (...) do tipo de dossel, com esculturas e profusa talha dourada. O suporte da lâmpada superior tem forma de águia. O teto é embelezado com pinturas em painéis, e a mesa de comunhão tem bonita balaustrada torneada, de madeira preta. Como acontece em todas as igrejas ricas, o arco cruzeiro é também finamente ornamentado, acompanhando o estilo decorativo de todo o templo. (MOURÃO, 1986, p. 43).

O cortejo que marcou o Traslado ficou conhecido como “Triunfo Eucarístico”, e foi narrado por Simão Ferreira Machado, que o descreve de forma precisa,

principalmente pela suntuosidade dos trajes e alfais usadas pelos devotos e pelo clero que o acompanharam.

Segundo o cônego Raimundo Trindade, essa igreja foi elevada à categoria de colativa, pelo alvará de 16 de fevereiro de 1724, sendo o primeiro vigário colado o padre Francisco da Silva de Almeida, cuja apresentação, por ordem régia de 12 de fevereiro de 1724, precedeu a expedição do alvará que criou a freguesia colativa. (TRINDADE, apud MOURÃO, 1986, p. 43).

Essa Matriz foi escolhida pela Coroa Portuguesa como Capitular de Vila Rica, e no seu interior se faziam as posses de governadores e outras cerimônias oficiais da capitania; pois, segundo o procurador da Fazenda José Rosa Dias Maciel, em 1783, ela foi a primeira e a mais antiga a ser construída. (LIMA JUNIOR, 2008, p. 59).

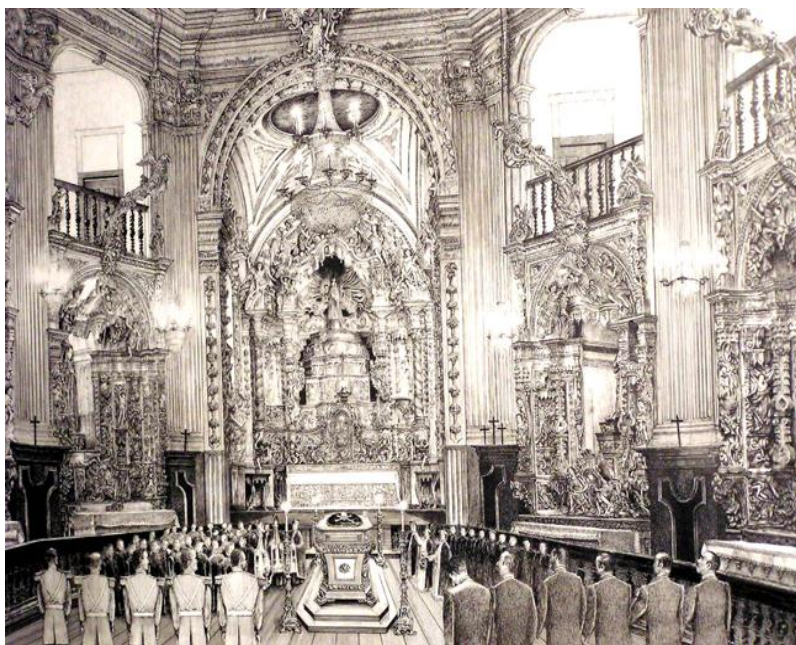


Figura 8 - Desenho do interior da Matriz do Pilar de Ouro Preto. Fonte: <http://www.ouopretoparoadopilar.com.br/index.php/historia/20-7>. Acesso em: 31 ago 2013.

No ano de 1963, Nossa Senhora do Pilar foi nomeada Padroeira Pontifícia de Ouro Preto, por um Breve do Beato João XXIII, e para tal solenidade os devotos mandam confeccionar uma coroa de ouro com pedras preciosas para a Coroação Solene que foi presidida por D. Oscar de Oliveira, o Arcebispo da Arquidiocese de Mariana deste período. (<http://www.em.com.br>)

Em 27 de outubro de 2012, o Papa emérito Bento XVI, por meio de um decreto, elevou a Matriz do Pilar à categoria de Basílica, ou seja, significa que ela é considerada “território do Papa”, passando a receber as insígnias papais ela se iguala às Basílicas Romanas que são denominadas de “Maior”, e as demais espalhadas pelo mundo são chamadas “menor”. O texto abaixo mostra a felicidade do pároco Padre Marcelo Moreira Santiago e dos demais vigários paroquiais:

Dom Geraldo Lyrio Rocha, nosso Arcebispo, trouxe, por telefone, na manhã do dia 27 de outubro, a alegre notícia para a Arquidiocese de Mariana, especialmente para a Comunidade Católica de Ouro Preto, da acolhida, em Roma, pela Secretaria para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, do pedido arquidiocesano para que a Matriz de Nossa Senhora do Pilar, de Ouro Preto, no ano celebrativo dos 300 anos, fosse elevada à dignidade de Basílica Menor, distinguindo nossa Igreja Particular de Mariana com tamanha graça e bênção de Deus. Seja esta distinção para o louvor do Santíssimo Redentor, para a glória de Deus, e do santo nome da Virgem Maria, invocada como Padroeira Pontíficia de Ouro Preto, Nossa Senhora do Pilar. Ao receber o título de Basílica Menor, a Matriz de N. Sra. Pilar se une mais estreitamente à Roma, às suas basílicas, como a Basílica de Santa Maria Maior, e com isso estará vinculada diretamente ao Papa. Essa associação ao Papa estará presente em um dos símbolos da Basílica, a Umbrela que ficará no presbitério juntamente com as insígnias pontíficias. Agradecemos a todos – pessoas, grupos e instituições que abraçaram esta causa. De modo particular a dom Geraldo, nosso estimado arcebispo, que muito se empenhou. Foi ele quem comunicou ao povo de Ouro Preto esta intenção, quando presidiu a celebração do dia principal das festividades pelos 300 anos da Paróquia do Pilar, em 15 de agosto próximo passado. Foi ele quem dirigiu este pedido à Igreja e quem levou, pessoalmente, a Roma, por ocasião do Sínodo da Igreja, um volumoso processo, com farto material histórico e pastoral do Pilar, em resposta às solicitações da Secretaria da Igreja, no Vaticano. Nosso povo ouropretano esteve piedosamente elevando suas preces a Deus, nesses três últimos meses, pedindo esta graça que alimenta em nós a espiritualidade mariana que nos remete a Jesus Cristo, seu Filho, nosso Redentor e que nos compromete eclesialmente, ainda mais, na vivência do discipulado missionário, na construção do Reino de Deus. Compartilhamos, de especial modo, esta alegria e bênção com as comunidades paroquiais da cidade e do município de Ouro Preto, na pessoa dos irmãos sacerdotes, nossos amigos e companheiros na missão, e do bom povo destas comunidades, irmanados na fé, celebrando Nossa Senhora do Pilar, como Mãe e Padroeira. Desde já, por orientação de dom Geraldo, convidamos toda a arquidiocese para as celebrações da dedicação da Matriz do Pilar e sua oficialização como Basílica, marcadas para o dia 01 de dezembro, sábado, às 19h, durante a visita pastoral do arcebispo à nossa Paróquia. Por feliz coincidência, nesse dia, celebramos, in memoriam, os 55 anos de ministério presbiteral do Cônego José Feliciano da Costa Simões que por 46 anos esteve à frente da Paróquia como o seu zeloso pároco. Também nos alegamos porque, nesse dia, dom Francisco Barroso Filho, filho ilustre de Ouro Preto, também rende louvores a Deus pelos seus 55 anos de ministério presbiteral.

Nesse domingo, dia 28 de outubro, festa de São Simão e São Judas Tadeu, apóstolos de Jesus, conclamamos nossas Igrejas de Ouro Preto a repicarem os sinos, às 12h, em sinal de alegria, gratidão e louvor a Deus por esta graça em favor da Igreja e de seu povo, especialmente para a nossa tricentenária Vila Rica de Ouro Preto.

Demos graças ao Senhor, eterno é seu Amor!

Pela Comunidade Paroquial do Pilar,

Pe. Marcelo Moreira Santiago – Pároco / Pe. Danival Milagres Coelho - Vigário Paroquial / Cônego Jadir Trindade Lemos – Vigário Paroquial

Ouro Preto, 27 de outubro de 2012

(<http://www.ouropretoparoquiadopilar.com.br/index.php/component/content/article/8-novos/112-papa-bento-xvi-eleva-a-matriz-de-nossa-senhora-do-pilar-a-dignidade-de-basilica>).



Figura 9 – Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto MG. Fonte: <http://pilar300anos.blogspot.com.br/2011/08/salve-senhora-do-pilar-mae-e-rainha.html>. Acesso em 30 de ago de 2013.

Durante toda a história da Igreja, o papel de Maria foi fundamental, seja na liturgia com as celebrações, seja na vida dos cristãos que experimentam seu auxílio e sua intercessão diante das mazelas da vida.

O culto a Virgem do Pilar, em Ouro Preto, vem sustentar a ideia que ainda nos dias atuais Maria tem um papel imprescindível na vida do cristão católico, e continua a ser o porto seguro, o auxílio, o colo materno onde esses encontram o regaço acolhedor, dela que é Mãe de Deus e Mãe da Igreja que a venera e sempre venerará. Ela continuará deixando sua marca no coração do devoto que a busca, reinando gloriosamente nessa cidade que a tem por Patrona e Medianeira.

Que ela continue a auxiliar esse povo que a tem por Rainha e Padroeira, e do alto do seu pilar proteja esta cidade histórica tão preciosa para o Brasil e para o estudo e desenvolvimento da cultura nacional.



Figura 10 – Interior da Matriz do Pilar de Ouro Preto MG. Fonte: http://msalx.viajeaqui.abril.com.br/2012/07/30/1217/5tY2z/01057153_2h6g0h6g8f.jpg?1343661681. Acesso em: 10 de set 2013.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O culto a Maria, desde os primeiros séculos da Igreja, foi uma força motora que impulsionou os cristãos na vivência da fé. Maria é uma figura que caminha com o povo e sente seus sofrimentos, e estes encontram o alívio das suas dores na intercessão materna dela ao seu Filho Jesus.

Na figura desta ilustre mulher, muitos encontram a figura da mãe que cuida dos filhos, da mulher forte que sempre está de pé diante das cruzes do dia-a-dia, da rainha que luta e vence o mal, da virgem que é exemplo de pureza, da dolorosa que chora o sofrimento e a morte de seu Filho, a mulher do silêncio que mesmo diante da dor guardava as promessas de Deus no coração.

Vimos que com o passar dos anos seu culto foi sofrendo modificações dentro das classes sociais europeias. Ela protege e ampara os pobres e marginalizados (órfãos, doentes, viúvas); ela é nomeada patrona das cidades e invocada quando ocorrem calamidades como guerra, pestes, cataclismas; e ela está presente na corte é a “Rainha Mãe” do Filho de Deus, que tem o papel de interceder pelos “súditos” do reino.

Nos dois milênios de história da Igreja Católica, vemos que a relação do povo com a Virgem Maria, foi sempre pautada sobre esses pressupostos, e ainda hoje testemunhamos a vitalidade de sua presença no coração dos cristãos católicos, como o caso da Virgem do Pilar, tão amada e venerada na Espanha, em Ouro Preto e em outras cidades brasileiras.

Esse culto já perpassa em Saragoza mais de um milênio, e em Ouro Preto trezentos anos. Em ambas as cidades ela é rainha e patrona, consola os pobres e marginalizados, protege o povo contra as intempéries, e está ao seu lado nos momentos de cruz e sofrimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A ESCOLA DE MINAS. **A escolha do palácio dos governadores**. Disponível em: <http://www.em.ufop.br/em/escolhap.php>. Acesso em: 26 set 2013.
- ADUCCI, Edésia. **Maria e seus gloriosos títulos**. Juiz de Fora: Lar Católico, 1960.
- ANDRADE, Francisco Eduardo de. A conversão do sertão: capelas e a governamentalidade nas Minas Gerais. **Varia História**, Belo Horizonte, vol.23, n 37. p. 151-166, Jan/Jun 2007.
- AZEVEDO, Manuel Quitério de. **O culto a Maria no Brasil. História e Teologia**. Aparecida, SP: Editora Santuário; Academia Marial, 2001.
- BASTOS, Rodrigo Almeida. **A Ordem sagrada da república colonial**. In: III Seminário Interpretar Arquitetura, 2005, Belo Horizonte/MG. Arquitetura Humanismo e República - edição especial Interpretar Arquitetura. Belo Horizonte/MG: Interpretar Arquitetura, 2005. v. 07. p. 01-19.
- BIHLMAYER, Karl e TUECHLE, Hermann. **História da Igreja**. Idade Média. Tradução Eblon de Lima. São Paulo: Paulus, 1964.
- BOHRER, Alex Fernandes. **Ouro Preto: um novo olhar**. São Paulo: Scortecci, 2011
- BOFF, Clodovis. **Mariologia Social: O significado da Virgem para a sociedade**. São Paulo: Paulus, 2006.
- BOSCHI, Caio César. **Os leigos e o poder: Irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais**. São Paulo: Ática, 1986.
- BOVER, José M. **La Asuncion de Maria**. Biblioteca de Autores Cristianos. Madrid: La Editorial Católica, S.A, 1951.
- BOYER, Marie France. **Culto e imagem da Virgem**. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2000.
- COELHO, José Efigênio Pinto. **Nossa Senhora do Pilar: Um culto Emboaba**. Ouro Preto: Imprensa Universitária UFOP, 1991.
- DAVIDOFF, Carlos Henrique. **Bandeirantismo: verso e reverso**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- DI BERNARDINO, Angelo. **Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs**. Tradução Cristina Andrade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- DOKMEN, Halil. **A casa da Virgem Maria**. Português. Istambul: Hitit Color, 2010.
- FORTE, Bruno. **Maria, a mulher ícone do mistério**. São Paulo: Paulinas, 1991.

HOORNAERT, Eduardo. O que há por trás da religiosidade popular? in, **Vida Pastoral**, p.3-10, ano 54, n°289, março-abril de 2013.

KORTE, Rainer. **Voci dal profondo: meditazioni sulle catacombe Cristiane di Roma**. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1998.

LIMA JUNIOR, Augusto de. **História de Nossa Senhora em Minas Gerais**. Comentada e coordenada por Francisco Eduardo de Andrade e Mariza Guerra de Andrade. Belo Horizonte: Autêntica Editora: Editora PUC Minas, 2008.

_____. **A capitania das Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Zelio Valverde, 1943.

MARIN, Hilário. **Doctrina Pontificia. Documentos marianos**. Biblioteca de Autores Cristianos. Madrid: La Editorial Católica, S.A, 1954.

MEGALE, Nilza Maria Botelho. **Cento e doze invocações da Virgem Maria no Brasil: história, folclore e iconografia**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. **Maria na religiosidade popular**. São Paulo: Editora Ave Maria, 2007.

MENEZES, Joaquim Furtado. **Igrejas e irmandades de Ouro Preto**. Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1975.

MOURA, Mons. Luiz Gonzaga de. **Magno Florilégio Mariano**. Campinas, 1943.

MOURÃO, Paulo K. Correia. **As igrejas setecentistas de Minas**. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada, 1986.

PARÓQUIA NOSSA SENHORA DO PILAR. **Papa Bento XVI eleva a Matriz de Nossa Senhora do Pilar à dignidade de Basílica**. Disponível em: <http://www.ouropretoparoadopilar.com.br/index.php/component/content/article/8-novos/112-papa-bento-xvi-eleva-a-matriz-de-nossa-senhora-do-pilar-a-dignidade-de-basilica>. Acesso em: 06 set 2013.

PARÓQUIA NOSSA SENHORA DO PILAR. **Piedosas e solenes tradições de nossa terra: Novenas, tríduo, setenário, quinquena e meses**. Vol. 2. São João del-Rei: Segrac, 1997.

PARRAVICINI, Giovanna. **A vida de Maria em ícones**. São Paulo: Loyola, 2008.

SALLES, Fritz Teixeira de. **Vila Rica do Pilar**. São Paulo: Itatiaia, 1982.

SANT'ANA, Sabrina Mara. **A boa morte e o bem morrer: culto, doutrina, iconografia e irmandades mineiras. (1721 – 1822)**. Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

SCHILLEBEECKX, Eduard. **Maria, mãe da redenção**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1968.

VALE, Teresa Leonor M. Da Igreja combatente à Igreja triunfante. **Brotéria: Cristianismo e Cultura**, n 5, vol.157, Novembro 2003.

WERNECK, Gustavo. **Ouro Preto ganha Basílica após decreto do Papa**. Disponível em: http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/11/28/interna_gerais,332631/ouro-preto-ganha-basilica-apos-decreto-do-papa.shtml. Acesso em: 26 set 2013.

APÊNDICE I



Figura - 11. Imagem de Nossa Senhora do Pilar que se venera na atual Basílica a ela dedicada em Ouro Preto MG. Fonte: <http://pilar300anos.blogspot.com.br/2011/08/salve-senhora-do-pilar-mae-e-rainha.html>. Acesso em: 05 de ago 2013.

Oração a Nossa Senhora do Pilar

Nossa Senhora do Pilar, Mãe e Rainha de Ouro Preto, a quem nossa terra consagra especial amor desde seus remotos inícios. Foste constituída celeste Padroeira de nossa heroica cidade pelo Papa João XXIII e, em nome do mesmo Sumo Pontífice, coroada solenemente com uma coroa de ouro que com alegria e ternura filiais vos oferecemos. Sede-nos sempre propícia, Ó Senhora do Pilar. Afervorai nossa devoção para convosco, ensinando-nos a fortalecer-nos para imitarmos vossas virtudes e trilharmos vossos caminhos a fim de bem amarmos e servirmos a Nosso Senhor Jesus Cristo. Protegei nossos lares e todos os trabalhadores, guiai nossos mestres e estudantes, iluminai nossas autoridades e a vida em comunidade.

Estreitai-nos a todos, Ó Mãe e Rainha, no vínculo do amor e da caridade fraterna, pilar e distintivo de nossa Santa Religião. Sede, Nossa Senhora do Pilar, nossa inseparável

companheira na alegria e na dor, como em toda a nossa vida, até que possamos triunfantes contemplar o esplendor de Vossa Glória no Reino Celestial. Amém.

(Essa oração é distribuída para os devotos nas solenidades do dia 15 de agosto na Matriz do Pilar de Ouro Preto).